

Instituições financeiras têm perspectiva de nota rebaixada

Paula de Paula

A agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) rebaixou na última sexta-feira a perspectiva para o rating (nota) de 11 instituições financeiras do Brasil de estável para negativa, um dia após a perspectiva para o rating soberano do País sofrer a mesma ação. "Ao mesmo tempo, afirmamos os ratings de curto e longo prazo das instituições e afirmamos seus perfis de crédito. A perspectiva dos ratings em escala nacional continua inalterada", disse Sergio Garibian, analista de rating da S&P.

As instituições afetadas pelo rebaixamento de perspectiva são: Bradesco, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Citibank, ItaúBBA, Itaú Unibanco, HSBC Brasil, Santander, Allianz e da Bolsa BM&FBovespa.

A agência destacou ainda, em relatório, que o rating da BM&FBovespa está um grau acima da nota soberano do Brasil, o que reflete a visão positiva da S&P sobre a gestão de risco da empresa, mesmo sob condições "estressantes".

Motivos

A situação fiscal do País já preocupa. Segundo especialistas consultados pelo DCI, os cortes de impostos e desonerações governamentais combinado com os altos gastos da máquina pública é um dos principais fatos que motivaram a S&P a rebaixar a perspectiva da nota de crédito de longo prazo do Brasil. Algumas fontes, no entanto, não acreditam que as consequências dessa notícia seja devastadora, pois a credibilidade dessas entidades, segundo eles, está deteriorada.

Para o professor da ESPM, Adriano Gomes, as temeridades dos analistas internacionais provêm dos maus resultados de crescimento da economia e da má condução da política fiscal, já que o governo "cortou receita e engordou os custos, falta dinheiro para o superávit primário".

"O fato objetivo é que o Brasil há quatro anos alcançou o grau de investimento mas ele está no meio da pirâmide de rating, ele ainda não é visto como um país livre de risco, ele estava tentando colocar a cabeça fora da lagoa que é o risco", completou.

Ele chama a atenção para o fato de que o método de análise dessas agências não leva em conta apenas indicadores econômicos mas também questões políticas. "O ambiente não tem sido muito bom para o governo, o PMDB tem colocado as 'suas manguinhas para fora', é uma base desgastada". Para ele, o fato da eleição presidencial de 2014 ter sido antecipada pelo próprio governo também contribuiu para uma perspectiva do cenário político do País mais negativa.

Na opinião do analista independente Richard Rytenband, o grande problema dessas agências é o timing (tempo) que está sempre atrasado em relação aos acontecimentos do País. Segundo ele, apesar das baixas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro o governo já mudou o rumo de suas atitudes e se mostra preocupado com a persistência da inflação. "Eles deviam ter mudado nos primeiros anos do mandato, eles estão um ou dois anos atrasados".

Um outro ponto destacado pelo especialista foi a falta de credibilidade das agências de risco, segundo ele, aconteceram muitos erros durante a crise de 2007 e 2008, a chamada subprime. Ele citou também que "depois do rebaixamento inédito dos Estados Unidos [em 2011] a bolsa americana subiu 50%".

Em abril de 2008, quando o Brasil conquistou a nota atual, a Bolsa de Valores brasileira chegou a 67.868 e atualmente gira em torno de 55 mil pontos.

Consequências

Para o professor da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Rafael Sasso, a preocupação caso o Brasil perca a nota é a fuga de grandes fundos que têm limitações contratuais para atuar em países com menores notas de crédito. Ele vai além e coloca que esse "desinvestimento" pode ocasionar uma pressão no câmbio.

Segundo o professor da ESPM, a Bolsa de Valores pode perder atratividade e o investimento migrar para renda fixa.

Já o analista Rytenband minimiza as consequências do fato dizendo que se o País tem boas perspectivas para os próximos meses e anos "os investidores vão continuar entrando e investindo, pode ter um efeito se a nota tiver uma consistência de longo prazo", completou o analista.

Na última sexta-feira aos resultados do Ibovespa (principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo) reagiram à notícia e atingiu 51.618,63 pontos, menor nível desde de outubro de 2011.

Fonte: DCI, São Paulo, 8, 9 e 10 jun. 2013, Primeiro Caderno, p. A5.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais